

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| PRÓLOGO | 13 |
| CAPÍTULO 1 – OS DOIS GÉMEOS DA BEIRA ALTA | 15 |
| CAPÍTULO 2 – A FELICIDADE DESCUIDADA DE UMA FAMÍLIA NUMEROSA | 22 |
| CAPÍTULO 3 – O QUE LEVA UM HOMEM A COMEÇAR A DESOBEDECER? | 39 |
| CAPÍTULO 4 – «A PARTIR DE AGORA, DEIXA DE HAVER NACIONALIDADES...» | 49 |
| CAPÍTULO 5 – «VOU SALVÁ-LOS TODOS» | 63 |
| CAPÍTULO 6 – A VINGANÇA DOS MEDÍOCRES | 76 |
| CAPÍTULO 7 – «SOMOS TODOS REFUGIADOS» | 88 |
| CAPÍTULO 8 – MORTE DE UM JUSTO | 99 |
| CAPÍTULO 9 – UMA ÁRVORE EM JERUSALÉM | 107 |
| EPÍLOGO – A MÚSICA SUAVE DO PASSAL | 117 |
| POSFÁCIO | 120 |

Este livro não poderia ter sido escrito sem a ajuda dos filhos de Aristides de Sousa Mendes, especialmente a de Pedro Nuno Sousa Mendes e a de Maria Rosa Faure. Nem sem a amizade de António de Moncada, o neto que levanta bem alto o pendão da memória do avô.

Em Bordéus, o padre Jacques Rivière contagiou-nos com o seu entusiasmo.

Em Lisboa, Diana Andringa fez o favor de pôr à nossa disposição o enorme volume de trabalho preparatório da sua reportagem *O Cônsul Injustiçado*.

Aqui ficam os nossos agradecimentos para eles e também para todas as pessoas que, de Bruxelas a São Francisco, nos deram testemunho, directo ou indirecto, acerca da vida de Aristides de Sousa Mendes.

J.-A. F.

PRÓLOGO

Estavam à espera.

No calor daquele Verão bordalês, esperavam, milhares deles.

Alguns tinham partido de Paris na véspera. Outros, os que vinham de Riga, de Varsóvia ou de Berlim, havia semanas, longas como meses, que tinham começado a trilhar os caminhos do êxodo.

Todos fugiam dos bárbaros, cuja sombra se estava a projectar sobre toda a Europa.

Chamavam-lhes refugiados. Mas agora sabemos que eles tinham sido pura e simplesmente condenados à morte.

Para salvar a vida, cada um tinha apenas de conseguir uma simples assinatura no passaporte.

Mas o único homem que lhes podia apor essa assinatura não estava autorizado a fazê-lo. Porque eles eram judeus, ou polacos, ou apátridas. Ou de «nacionalidade indefinida». Ou, para usar o termo exacto, indesejáveis.

Quantos homens se teriam limitado a lavar as mãos como Pilatos e a obedecer aos superiores? Não é da minha responsabilidade!

Ele, não.

Chamava-se Aristides de Sousa Mendes.

CAPÍTULO 1

OS DOIS GÉMEOS DA BEIRA ALTA

Estava-se ainda no século XIX.

A 19 de Julho de 1885, mal começara o dia, na Casa do Aido, em Cabanas de Viriato, nascia Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches.

O irmão gémeo, César, tinha visto a luz do dia algumas dezenas de minutos antes, pelo que o nascimento foi registado com data de 18 de Julho. Os papéis estavam distribuídos: César, «o mais velho», sério obediente e introvertido, velará sempre por Aristides, o «pequeno», expansivo, generoso e extravagante.

Passaram a infância dentro dos limites estreitos da Beira Alta, no Norte de Portugal, uma região onde os cumes da Serra da Estrela chegam a atingir os 2000 metros de altitude. «Um dos berços do meu país», segundo o escritor e jornalista Fernando Dacosta¹, cujos habitantes concentram em si as características principais dos portugueses: sensibilidade, amor à terra, gosto pela autoridade, sentido da honra.

Cabanas encontra-se no centro de um triângulo cujos vértices são três cidades com pergaminhos: Viseu a oeste, Guarda a leste e Coimbra a sul. «Altaneira, Viseu, a velha capital da Beira Alta, vive dos produtos das zonas rurais que a rodeiam, ciente de ter sido o berço de Viriato, o herói lusitano que tantas dores de cabeça deu aos generais romanos», escreveu Hélène Gourby².

«Escura e fria», na opinião corrente, a Guarda é a cidade mais alta de Portugal. Grave e austera, esta praça-forte vigiava a fronteira com o

¹ Autor, nomeadamente, de *Máscaras de Salazar*, Editorial Notícias, 1997.

² *Le Portugal: coordination*, Larousse, Paris, 1989.

inimigo hereditário, aquela Espanha de onde, de acordo com um ditado antigo, «não vem nem bom vento nem bom casamento».

A sul, encontra-se Coimbra, a luminosa, com a «alta» onde domina a Universidade. Reconquistada aos sarracenos no início do século XI, foi capital de um condado que, a darmos crédito a Jean-François Labourdette³, constituiu um dos berços políticos do futuro Portugal.

Capital do reino no século XII, Coimbra foi um dos pontos de partida para a Reconquista que permitiu o nascimento de Portugal, o país que tem legitimidade para reivindicar as mais antigas fronteiras da Europa.

Foi também em Coimbra que se desenrolou uma das mais belas e mais estranhas histórias de amor de toda a História. Começou quando D. Pedro, filho do rei D. Afonso IV, se enamorou de Inês, dama de honor da esposa, D. Constança de Castela. O Rei, desejoso de afastar a beldade, fez encerrar D. Inês no Convento de Santa Clara de Coimbra. Ali, segundo uma lenda, D. Inês teria derramado tantas lágrimas que fez nascer uma fonte: a Fonte dos Amores.

Em 1345, morta D. Constança, D. Pedro reencontrou-se com D. Inês no convento e casou com ela em segredo. Dez anos mais tarde, o Rei, seu pai, mandou-a assassinar. D. Pedro revoltou-se. Depois de suceder ao pai e subir ao trono, mandou arrancar o coração aos assassinos da mulher. O cadáver foi exumado e a corte desfilou perante ele, numa homenagem sublime e mórbida. Vários poetas, de Luís de Camões a Henri de Montherlant, foram inspirados por este tema da «Rainha Morta» e da dama «que depois de morta foi rainha».

Este Norte montanhoso, torrão natal dos Sousa Mendes, é mais influenciado pela Igreja do que o Sul de Portugal. No Norte, as famílias de camponeses, que vivem da exploração de propriedades minúsculas, fixam-se, agarram-se à terra dos antepassados, o que as distingue do proletariado agrícola, com trabalho sazonal, predominante no Sul. Caricaturando, poder-se-ia dizer que o Norte católico e conservador está em oposição ao Sul progressista e ateu.

Mesmo que Portugal tenha as mais antigas fronteiras da Europa, mesmo que a História lhe tenha dado uma homogeneidade real, mesmo que seja um dos raros países europeus a ter uma unidade linguística quase perfeita, não restam dúvidas de que o país se divide por dois

³ *Histoire du Portugal, Que sais-je?*, PUF, 1995.

mundos — o *Mediterrâneo* e o *Atlântico* — «opostos em tudo, excepto na consciência de pertencerem a uma mesma nação», segundo a definição de Jacques Marcadé⁴. A esta fractura entre o Norte e o Sul, entre os dois lados do Tejo, *Aquém* e *Além Tejo*, criada pela geografia, não podemos deixar de lembrar as diferenças entre o Portugal do litoral e o Portugal do interior, criadas pela História.

Aristides e César de Sousa Mendes nasceram no seio desta aristocracia do Norte, rural, católica, conservadora e monárquica.

O pai, José de Sousa Mendes, era juiz no Tribunal da Relação de Coimbra

Ainda hoje é descrito como «Um homem com grande sentido de justiça, de bondade profunda, muitas vezes preocupado com o destino dos presos, e que recusava todas as prendas: o azeite, as laranjas, o vinho e as galinhas que os vizinhos não cessavam de lhe querer dar.» Entroncado, de fato preto onde sobressaía a corrente dourada do relógio, cabelo forte e bem penteado, os olhos fundos e brilhantes como brasas, José de Sousa Mendes transmitia uma impressão de força serena.

Quanto à esposa, Angelina, era considerada uma mulher de grande severidade. Conta-se que uma das criadas, que resolveu comunicar-lhe a intenção de se casar, recebeu a seguinte resposta: «Se te casares não trabalharás mais nesta casa.» A criada não se casou.

A 28 de Abril de 1889, isto é, menos de quatro anos depois dos nascimentos de César e Aristides, a cerca de vinte quilómetros de Cabanas de Viriato, em casa de uma família modesta da povoação de Vimieiro, nascia um certo António de Oliveira Salazar. A família, profundamente católica, vivia numa casa térrea, abrindo directamente para a rua. O pai era feitor das propriedades de um proprietário rural.

«Não é indiferente que o futuro senhor do país tenha, desde a infância, admirado e amado o intendente fiel de que falam as Escrituras, que todos os dias fechava as contas e calculava quanto tinha recebido», escreverá Paul-Jean Franceschini⁵. A influência da mãe, uma mulher de profunda religiosidade, será tal que o recém-nascido António, ao contrário do que é costume entre os portugueses, recebeu o apelido da mãe, que se chamava Maria do Resgate Salazar.

⁴ *Le Portugal au XX^e siècle*, PUF, l'historien, 1988.

⁵ *Le Monde* de 18 de Julho de 1970.

Terá o jovem Salazar tido contactos com Aristides ou César de Sousa Mendes durante a infância? Com certeza que sim, mas terão sido daqueles olhares típicos do menino pobre, mistos de rancor e admiração, ao ver passar os filhos dos ricos. Afinal, dada a sua profissão, o pai de Salazar poderia bem ter sido o feitor dos Sousa Mendes.

A família Sousa Mendes, que mergulha as raízes na História de Portugal, é uma das mais conhecidas da região. O avô de Aristides, Manuel Alves de Sousa, rico proprietário de terras, descendia do secretário pessoal do rei D. João VI, o que deixou o país para se refugiar no Brasil nas vésperas da invasão de Portugal pelas tropas napoleónicas.

A avó, Raquel Augusta Mendes da Gama, nascida num palácio imenso, também descendia da nobreza rural.

O pai de Aristides, José, casou com Angelina do Amaral e Abranches (a austera), descendente, por parte da mãe, Maria dos Prazeres Ribeiro de Abranches, do visconde de Midões, uma das «grandes casas» de Portugal. Quem sai aos seus não degenera, mas, por ter defendido ideias «liberais», o visconde de Midões foi parar à prisão durante a guerra civil do início do século XIX. Ao contrário dos próceres do absolutismo real, era dos que exigiam a outorga de uma Carta Constitucional.

Os Sousa Mendes também estão ligados a uma das mais velhas famílias do país: os Abranches. Segundo reza a história, um cavaleiro português chamado Álvaro Vaz de Almada dirigiu-se a Inglaterra com o propósito de defender a honra de uma dama insultada por soldados «teutónicos». Este mesmo cavaleiro demonstrou uma tal coragem na conquista da cidade de Avranches, na Normandia, que recebeu a Ordem da Jarreteira e o título de conde de Avranches, nome que se transformou em Abranches devido à pronúncia comum no Norte de Portugal. Os dois filhos de Aristides de Sousa Mendes, que participaram, em Junho de 1944, no desembarque na Normandia integrados nas forças americanas, estavam, por isso, a pisar terreno conhecido.

Para terminar este esboço de genealogia, teremos ainda de citar Francisco Ribeiro de Abranches, irmão da avó de Aristides, pregador régio em Alcobaça, um dos maiores mosteiros do país que era, segundo se diz, dotado de um tal dom da palavra que fazia chorar as centenas de fiéis que se juntavam para lhe ouvir os sermões. O que não o impedia de levar uma vida dupla, de ser, digamos, casado e pai de uma ninhada de filhos!